

Marcos Vinícius Nunes Cardoso

Moralidade como adaptação para a cooperação humana: uma revisão teórica

Uberlândia

2023

Marcos Vinícius Nunes Cardoso

Moralidade como adaptação para a cooperação humana: uma revisão teórica

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Pro. Dr. Wallisen Tadashi Hattori

Uberlândia

2023

Marcos Vinícius Nunes Cardoso

Moralidade como adaptação para a cooperação humana: uma revisão teórica

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Wallisen Tadashi Hattori

Banca Examinadora

Uberlândia, 21 de junho de 2023

Prof. Dr. Wallisen Tadashi Hattori (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Maria Emília Yamamoto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, RN

Profa. Dra. Pâmela de Rezende Côrtes
Centro Universitário Santa Rita – São Paulo, SP

Uberlândia

2023

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, fonte primária de incentivo, amor e cuidado.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Patrícia, a qual durante toda a minha vida me incentivou a estudar e fez de tudo para que conseguisse terminar a graduação. Obrigado mãe, a senhora é minha fonte de inspiração e saiba que nada disso seria possível sem você.

À minha amiga Cristiane, que foi a maior surpresa que o curso de Psicologia poderia me dar. Você fez com que esses anos fossem mais leves, com seu bom humor, espírito e companheirismo durante os vários trabalhos e conversas sobre a vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Wallisen T. Hattori, responsável por me iniciar na vida de pesquisador através da minha iniciação científica e deste TCC, dentro da minha área de maior interesse, a Psicologia Evolucionista. Sempre serei grato por ter cruzado o seu caminho e por ter reascendido em mim o desejo de ser pesquisador.

À minha companheira Camile, por ter sempre sido amável comigo durante o período de realização deste trabalho, me incentivando e dando suporte emocional. Obrigado pela compreensão, cuidado e afeto, principalmente em momentos que a graduação me exigiu ao máximo, não poderia desejar uma companheira melhor.

Ao meu orientador de estágio Prof. Dr. Alexandre V. Montagnero, cuja supervisão e orientação me trouxeram grandes aprendizados, seja dentro da clínica, como fora dela. Sou profundamente grato pelos ensinamentos transmitidos que, definitivamente, somaram no meu percurso profissional.

Aos demais professores da graduação, em particular os professores Ricardo Wagner e Leonardo Bernardino, referências dentro de suas áreas de pesquisa e na transmissão de seus conhecimentos, sempre com extrema energia e paixão. Obrigado pelas aulas, estarão sempre guardadas com carinho em minha memória.

À minha irmã Eduarda, obrigado pelas risadas, discussões amigáveis e pelo companheirismo, sempre presente mesmo no silêncio.

Aos meus tios Cid e Fernanda, por proporcionarem cuidado e carinho em todos os momentos, inclusive durante a graduação, mesmo distantes fisicamente.

Ao meu pai Marcos, cuja figura durante muito tempo foi controversa para mim devido ao distanciamento físico e desamparo afetivo, mas não financeiro, o que me auxiliou a passar esses anos de graduação com maior estabilidade e, por isso, sou grato.

À oportunidade de ter conhecido o jogo de xadrez durante a graduação e ter representado o curso de Psicologia em diversos torneios, assim como através do futsal.

Às examinadoras da minha banca Prof.^a Dr.^a Maria Emília Yamamoto e Prof.^a Dr.^a Pâmela de Rezende Côrtes, pelas incríveis correções e apontamentos realizados, as quais geraram intensas reflexões e enriqueceram o trabalho enormemente.

Epígrafe

A seleção natural funciona como um remendão – um remendão que não sabe exatamente o que vai produzir, mas que usa tudo ao seu dispor para fazer algum tipo de objeto viável

François Jacob

Resumo

Nossos ancestrais viveram em um mundo intensamente social por milhões de anos, no qual a vida em grupo era crucial para a sobrevivência. Desse modo, adaptações foram desenvolvidas, a partir do mecanismo da seleção natural, para lidar com os problemas adaptativos decorrentes da interação entre os indivíduos e da pressão exercida pelo ambiente. Assim, torna-se necessário identificar, com base na literatura recente em Psicologia Evolucionista e Social, se a moralidade pode ser considerada uma dessas adaptações evolutivas para os problemas cooperativos humanos. Para isso, foi realizada uma revisão teórica com análise de conteúdo, tendo sido selecionados apenas artigos teóricos de 2010 a 2023 das bases de dados on-line: Psycinfo e Google Acadêmico. Com isso, estruturou-se um quadro contendo as sínteses dos 12 artigos selecionados para a revisão, contendo: referência, objetivos e conclusões. A partir da síntese, observou-se que o comportamento moral é o nome que damos para os traços cooperativos humanos, os quais são representados em diversos mecanismos, como instintos, intuições, sentimentos e cognições, que são capazes de sustentar, promover e regular a cooperação. Além disso, os comportamentos que são vistos como moralmente bons ao redor do mundo, também são aqueles que contribuem com o comportamento cooperativo. No entanto, é demonstrado que devido aos vários tipos de problemas cooperativos existentes, foram selecionados durante nosso percurso evolutivo valores morais distintos correspondente a cada contexto.

Palavras-Chave: Moralidade. Cooperação. Adaptação evolutiva. Psicologia evolucionista.

Abstract

Our ancestors lived in an intensely social world for millions of years, in which group living was crucial to survival. Thus, adaptations were developed, based on the mechanism of natural selection, to deal with the adaptive problems resulting from the interaction between individuals and the pressure exerted by the environment. Thus, it becomes necessary to identify, based on recent literature in Evolutionary and Social Psychology, whether morality can be considered one of these evolutionary adaptations to human cooperative problems. For this, a theoretical review with content analysis was conducted, having selected only theoretical articles from 2010 to 2023 from the online databases: Psycinfo and Google Scholar. With this, a box was structured containing the syntheses of the twelve articles selected for the review, containing: reference, objectives, and conclusions. From the synthesis, it was observed that moral behavior is the name we give to human cooperative traits, which are represented in various mechanisms, such as instincts, intuitions, feelings, and cognitions, which are capable of sustaining, promoting, and regulating cooperation. Furthermore, the behaviors that are seen as morally good around the world are also those that contribute to cooperative behavior. However, it is demonstrated that due to the several types of existing cooperative problems, different moral values corresponding to each context were selected during our evolutionary path.

Keywords: Morality. Cooperation. Evolutionary adaptation. Evolutionary psychology.

Introdução

Nossos ancestrais viveram num mundo intensamente social por milhões de anos, em que a vida em grupo desempenhava um papel crucial para a sobrevivência. Com isso, adaptações foram desenvolvidas, por meio do mecanismo da seleção natural e outros, como deriva genética, fluxo gênico, mutação e evolução cultural, para lidar com os problemas adaptativos decorrentes das interações entre os indivíduos e a pressão exercida pelo ambiente (Tooby, 2020). Desse modo, a Psicologia Evolucionista (PE) mostra-se como campo teórico de estudo integrativo do comportamento e de seus mecanismos psicológicos subjacentes, levando em conta processos histórico-evolutivos (Buss & Reeve, 2003; Côrtes, Oliveira & Valentova, 2022; Roberts, 2012; Salmon & Crawford, 2008; Workman & Reader, 2014), cujos princípios e perspectivas fornecem uma estrutura heurística para explorar as origens e a natureza de tais mecanismos (Lickliter & Honeycutt, 2003).

De maneira mais específica, a Psicologia Moral Evolucionista (PME) é a área responsável dentro do escopo da teoria evolutiva para explicar a moralidade humana, -com os conceitos e instrumentos advindos da PE-, incluindo os valores, julgamentos morais e o raciocínio moral (Côrtes, Oliveira & Valentova, 2022). Assim, entende-se que a mente humana precisou, ao longo do tempo, lidar com problemas adaptativos advindos da relação indivíduo-ambiente que colocavam em risco a sobrevivência e reprodução da espécie, sendo a moralidade, então, um desses mecanismos criados. A moralidade, portanto, é um conjunto de soluções biológicas e sociais para os problemas cooperativos humanos, sendo essa coleção de ideias, instintos, intuições e instituições, o que leva os indivíduos a valorizar e buscar relações mutuamente benéficas (Curry, 2016; Curry et al., 2021). Os julgamentos morais, por exemplo, seriam adaptações para lidar com problemáticas de ordem social, incluindo a cooperação

(Downes, 2021), visto que promovem maior cooperação e estão costurados no tecido da natureza humana (Everett, Pizarro & Crockett, 2016; Simpson, Harrell & Willer, 2013).

Charles Darwin havia sugerido em “*A origem das espécies*” que os conceitos de adaptação e seleção natural se tornariam a fundação do campo da Psicologia enquanto ciência. E, como previsto, a Psicologia Evolucionista tem se mostrado como uma metateoria convincente e poderosa para a Psicologia científica moderna (Buss & Reeve, 2003). Tendo isso em vista, observa-se que desde o início da teoria evolutiva darwiniana no século 19, várias teorias acerca do surgimento e manutenção do comportamento moral foram propostas. Uma delas assume que os julgamentos e intuições morais, isto é, a moralidade, baseiam-se nos contextos sócio-relacionais em que ocorrem, sendo particulares para cada um destes contextos, com o intuito de regular e sustentar os relacionamentos sociais necessários para a vida em grupo (Rai & Fiske, 2011).

Schein e Gray (2018), propuseram a Teoria da Moralidade Diádica (TMD), a qual teoriza que os atos são condenados proporcionalmente, tendo em vista três elementos: violações de normas, afeto negativo e dano percebido. Desse modo, assume-se que os julgamentos morais giram em torno de um modelo cognitivo relacionado ao dano enraizado em processos evoluídos e inatos da mente humana. Já a Teoria das Fundações Morais (TFM), argumenta que a mente humana é organizada de forma prévia para que esteja preparada para aprender valores, normas e outros comportamentos relacionados a um conjunto de problemas sociais adaptativos recorrentes na vida em grupo (Graham et al., 2013). Assim, a TFM apresenta-se como uma teoria que entende a moralidade como um meio para garantir a cooperação social, sendo, em grande parte, um produto de nossas intuições morais (Côrtes, Oliveira & Valentova, 2022).

Haidt (2007) apresentou o Modelo Intuicionista Social (MIS), que chamou de “nova síntese” dentro do campo da psicologia da moral. Esse modelo é baseado no princípio da

primazia intuitiva, em que uma intuição moral inicial ocorre, após alguma situação ativadora, e guia o processo seguinte de raciocínio moral. A intuição moral, portanto, desempenha um papel crucial dentro do plano da moralidade, uma vez que sua capacidade preditiva de identificar bons comportamentos e realizar julgamentos morais é satisfatória (Haidt, 2007). Desse modo, não é caracterizado como um modelo evolucionista, sendo capaz de abarcar problemas evolutivos cooperativos e não-cooperativos. Identifica-se, também, a notória influência dessa teoria sobre algumas das mencionadas anteriormente, visto que é reconhecida como uma das fontes das quais a TFM se apropriou (Graham et al., 2013), e uma das teorias que a TMD buscou reconciliar com outras correntes teóricas (Schein & Gray, 2018).

Para além disso, até mesmo aspectos relacionados a evolução de uma moralidade “puritana” foram investigados, buscando compreender o “por quê” de sua existência em tantas sociedades. Esse conceito de moralidade puritana diz respeito a uma moralização rigorosa que muitas vezes é destinada a indivíduos que praticam ações que, aparentemente, não causam danos a outros, como apostar, beber, e usar drogas (Fitouchi, André & Baumard, 2022). De acordo com estes autores, a existência de uma moralidade puritana funciona como facilitador de comportamentos cooperativos, visto que restringir a indulgência de prazeres sem vítimas melhoraria o autocontrole das pessoas. Seguindo essa mesma perspectiva, a teoria da autodomesticação (*self-domestication*), discutida pelo primatólogo Richard Wrangham no livro *The Goodness Paradox*, se apresenta como um mecanismo que pode, por exemplo, ter auxiliado nesse autocontrole dos indivíduos, uma vez que a autodomesticação seria resultado de pressões seletivas exercidas por membros da mesma espécie, proporcionando menor nível de agressão intragrupal e maior cooperação por haver uma vigilância interna propensa a punir (Summers, Crespi & Flinn, 2022; Wrangham, 2019).

De modo geral, todas as teorias citadas até aqui reconhecem e adotam em alguma medida a premissa de que, durante nosso processo histórico-evolutivo, a moralidade e a

cooperação estiveram e estão intimamente ligadas, sendo, a primeira, responsável por criar as bases para que a vida em grupo fosse possível e sustentável a longo prazo, ou seja, uma adaptação para os desafios cooperativos recorrentes (Summers, Crespi & Flinn, 2022; Fitouchi, André & Baumard, 2022; Graham et al., 2013; Haidt, 2007; Rai & Fiske, 2011; Schein & Gray, 2018; Wrangham, 2019).

Uma teoria relativamente recente que vem ganhando destaque e notoriedade dentro do campo da Psicologia da Moral é a da moralidade como cooperação (*Morality As Cooperation – MAC*) (Curry, 2016; Curry, Chesters & Lissa, 2018; Curry, Mullins & Whitehouse, 2019; Curry et al., 2021; Yilmaz, Harma & Doğruyol, 2021), a qual defende a ideia de que a moralidade é um conjunto de soluções biológicas e sociais (instintos, intuições, invenções, e instituições) para contextos que envolvem cooperação, assumindo a existência de diferentes tipos de moralidade, assim como há diferentes tipos de cooperação. Desse modo, evidencia-se que o conceito de moralidade é destinado ao conjunto de traços cooperativos humanos. Essa teoria, portanto, se apresenta como uma candidata em potencial para unificar o campo da Psicologia da Moral com uma abordagem preditiva, precisa, e baseada em princípios para compreender as funções e estrutura da moralidade (Curry, Chesters & Lissa, 2018), proporcionando um futuro promissor para esse campo de estudo.

Diante disso, o presente trabalho possui como objetivo realizar uma revisão teórica com análise de conteúdo de estudos teóricos, incluindo artigos e capítulos de livros, com base na literatura recente em psicologia evolucionista e social, acerca da relação entre moralidade e cooperação e, especificamente, identificar se a moralidade é considerada uma adaptação evolutiva selecionada para lidar com os desafios da cooperação humana.

Metodologia

O presente estudo fora desenvolvido utilizando os pressupostos metodológicos da revisão teórica com análise de conteúdo (Paré et al., 2015), com o intuito de reunir resultados de pesquisas de diversas correntes de trabalho cujo tema se relaciona com cooperação humana e moralidade, a fim de tentar responder à pergunta de pesquisa apresentada anteriormente. E, assim, após a análise de conteúdo, examinar as inter-relações, padrões ou semelhanças entre os estudos que irão facilitar o desenvolvimento e ampliação de novas teorias. Para isso, as seguintes etapas foram percorridas: identificação do tema e estabelecimento do objetivo da revisão teórica; busca de publicações na literatura sobre o tema; seleção e análise de conteúdo dos estudos selecionados; e discussão e apresentação da revisão teórica.

Para a seleção dos estudos, foram acessadas três bases de dados digitais: Psycnet, Google Acadêmico e Scielo. Tal processo ocorreu nos meses de setembro, outubro, novembro de 2022, e março de 2023, utilizando as seguintes combinações de descritores, em português e inglês: “*morality AND cooperation AND evolution*” e “*morality AND cooperation*”. Essa segunda combinação de descritores possibilitou uma maior quantidade de artigos encontrados, embora nenhuma revisão sobre o tema específico deste artigo tenha sido encontrada. Observou-se uma escassez de estudos sobre o tema na língua portuguesa, o que ocasionou na seleção apenas de estudos em inglês. Além disso, alguns artigos foram encontrados com base nas referências de outros artigos previamente selecionados, tendo em vista que não foram encontrados durante a pesquisa inicial nas bases de dados citadas.

Acerca dos critérios de inclusão, foram considerados elegíveis, em uma primeira seleção, artigos e capítulos de livros publicados na íntegra no período de 2010 a 2023, em português ou inglês, com o intuito de reunir o que há de mais recente dentro desta temática de pesquisa. Para ser considerado elegível, o estudo teria que discutir a questão da moralidade como adaptação para a cooperação humana ou relacionar esses dois temas através de outro, proporcionando um pano de fundo para responder à pergunta de pesquisa do trabalho. Foram

adotados como critérios de exclusão: artigos repetidos nas diferentes bases de dados e estudos que não abordavam a temática da moralidade e cooperação pela perspectiva evolutiva.

Fora realizada uma primeira pesquisa nas bases de dados mencionadas, tendo sido feita uma seleção prévia, de caráter exploratório, com base nos resumos dos artigos e capítulos de livros, que continham as palavras-chave cooperação, moralidade e/ou evolução, isto é, que tinham identificação com o tema. Com essa leitura exploratória foram selecionados 19 estudos. Em seguida, após a leitura na íntegra dos artigos, foram excluídos 7 estudos por não estarem em consonância com o objetivo do trabalho e não prover aspectos periféricos capazes de explicar, ao menos em parte, o fenômeno da moralidade como adaptação para os comportamentos cooperativos. Portanto, 12 estudos foram usados para realizar a análise de conteúdo e apresentação da revisão teórica, os quais foram sintetizados e dispostos em um quadro, contendo: referência, objetivos e conclusões.

Resultados

Foram analisados, na presente revisão teórica, 12 estudos (Quadro 1), sendo 10 (83%) artigos publicados em revistas, e 2 (17%) como capítulos de livros. Essa última combinação de descritores resultou num maior número de artigos encontrados. Além disso, encontrou-se 3 artigos através das referências de estudos selecionados, os quais estão presentes nessa revisão.

A maioria dos estudos selecionados foram encontrados na base de dados Google Acadêmico, sendo 8 artigos (66,6%), seguido por estudos encontrados através de outras referências, com 3 estudos (24,9%), e na base de dados Psycnet, 1 artigo (8,3%) (Quadro 2). Além disso, ao considerar o número de publicações selecionadas, observa-se que não houve mais que duas por ano (Figura 1). No entanto, nota-se um aumento a partir de 2021, o que demonstra certo interesse dos pesquisadores em produzir estudos teóricos nesse campo de

interesse, mas que ainda não resultou em uma revisão específica sobre o tema tratado no presente trabalho.

Além disso, identificou-se a frequência das áreas de pesquisa correspondentes a cada estudo selecionado, sendo: Ética Evolutiva 1 (8,3%); Psicologia Cognitiva 1 (8,3%); Psicologia do Desenvolvimento 2 (16,6%); Psicologia Evolucionista 2 (16,6%) e Psicologia Moral 6 (50%).

Quadro 1 – Apresentação da síntese dos artigos selecionados para a revisão teórica

Referência	Objetivo	Conclusões
Curry, O. S., Alfano, M., Brandt, M. J., & Pelican, C. (2021). Moral molecules: Morality as a combinatorial system.	Demonstrar que a moralidade é um sistema combinatorio e que tem correspondência com 7 tipos de cooperação conhecidos.	Constatou-se diferentes tipos de moralidade. A moralidade é o nome que damos para os nossos traços cooperativos humanos, e as soluções encontradas para os problemas cooperativos são o que compreendemos como moralidade humana. Buscou apresentar uma teoria capaz de prever elementos e moléculas morais possíveis.
Curry, O. S. (2016). Morality as cooperation: A problem-centred approach.	Usar a teoria dos jogos para identificar os problemas da vida social e como eles são resolvidos, realizando uma série de previsões, com o intuito de demonstrar o caráter preditivo da teoria da moralidade como cooperação.	Constatou-se que a teoria é naturalista, baseada no nosso entendimento do mundo material. Oferece um campo unificado e universal da moralidade e usa os princípios da teoria dos jogos para identificar problemas cooperativos específicos e suas soluções correspondentes, além de fazer previsões acerca do fenômeno moral. Existem diferentes tipos de moralidade, sendo cada um destes correspondente a um tipo de cooperação.
Summers, K., Crespi, B. J., & Flinn, M. V. (2022). Were humans their own most important selective pressure for cooperation and morality? A critical review of Richard Wrangham's The goodness paradox.	Revisar os principais pontos abordados por Wrangham no contexto da teoria da autodomesticação para explicar a evolução da moralidade, e apresentar que ela não é suficiente, propondo uma teoria elaborada por R. D. Alexander.	Apresentou-se a teoria de R. D. Alexander, chamada “Modelo de Competição Social de Dominância Ecológica” como mais completa para explicar o “por quê” e como a evolução da moralidade ocorreu, o que a teoria da autodomesticação não o faz satisfatoriamente, de acordo com os autores. O fenômeno chamado de autodomesticação ocorreu após os efeitos dos cenários característicos do modelo citado anteriormente, com os subordinados podendo exercer um papel mais efetivo no grupo e sem a presença de machos despóticos dominantes.

Referência	Objetivo	Conclusões
Tomasello, M., & Vaish, A. (2013). Origins of human cooperation and morality.	Neste artigo, o objetivo foi rever novos dados de crianças pequenas e grandes símios—principalmente da última década ou duas - e tentar fornecer uma visão atualizada acerca da questão das origens da moralidade humana, tanto filogenética e ontogenética.	Em conclusão, de uma perspectiva evolutiva, a cooperação (e, portanto, a moralidade) é sempre problemática, pois exige que os indivíduos devem suprimir seus próprios interesses em favor de outros ou igualar seus próprios interesses com os dos outros. A cooperação pode, assim, evoluir apenas em certas circunstâncias específicas. Humanos conseguiram desenvolver formas de vida altamente cooperativas através da participação em uma variedade de atividades colaborativas nas quais são interdependentes. Essas atividades colaborativas são as origens da moralidade humana.
Goetz, J. L., Keltner, D., & Simon-Thomas, E. (2010). Compassion: An evolutionary analysis and empirical review.	Integrar três argumentos evolutivos que convergem na hipótese da compaixão como uma experiência afetiva distinta, cuja função primária é facilitar a cooperação e proteção dos mais fracos e dos que sofrem.	Esta revisão empírica revelou que a compaixão possui processos de avaliação distintos sintonizados com sofrimento imerecido; distinto comportamento de sinalização relacionado aos padrões de cuidado de toque, postura e vocalização; e uma experiência fenomenológica e resposta fisiológica que orienta o indivíduo para a abordagem social. Esse perfil de resposta da compaixão difere daqueles de angústia, tristeza e amor, sugerindo que compaixão é de fato uma emoção distinta e tem a função primordial de influenciar positivamente na cooperação humana.
James, S. M. (2010). An introduction to evolutionary ethics.	Tem o objetivo de introduzir o leitor ao campo teórico-prático da ética evolutiva.	A moralidade foi um mecanismo evolutivo usado para lidar com interações cooperativas de um melhor modo, não deixar tanto ao acaso, uma vez que os benefícios da cooperação são enormes e extremamente necessários para a sobrevivência da espécie.
Greene, J. D. (2015). The rise of moral cognition.	Apresentar um quadro geral do que o campo da cognição moral encontrou até o momento acerca dessa temática.	Existe um consenso na literatura de que a função central da moralidade é promover e sustentar a cooperação. Os sentimentos e pensamentos morais foram idealmente selecionados para promover a cooperação. Ademais, a moralidade é fragmentada no nível cognitivo, mas unificada no nível funcional por causa da sua relação com a cooperação.

Referência	Objetivo	Conclusões
Rai, T. S., & Fiske, A. P. (2011). <i>Moral psychology is relationship regulation: Moral motives for unity, hierarchy, equality, and proportionality.</i>	Estender a teoria dos modelos relacionais (Fisk, 1991), apresentando 4 motivos morais (Unidade; Hierarquia; Equidade; Proporcionalidade) que elucidam as bases dos julgamentos morais.	Teorizou-se que é necessário compreender a psicologia moral como incorporada em nossa cognição social-relacional, de modo que os julgamentos morais e comportamentos emergem de obrigações e transgressões específicas implicadas por tipos particulares de relações sociais. Assim, motivos morais, julgamentos e comportamentos servem para regular e sustentar relacionamentos sociais necessários para a vida em grupo, formulando a teoria chamada Psicologia Moral como Regulação do Relacionamento (<i>Moral Psychology as Relationship Regulation – RR</i>). E os 4 motivos morais são usados como formas de se navegar nos relacionamentos sociais.
Fitouchi, L., André, J., & Baumard, N. (2022). <i>Moral disciplining: The cognitive and evolutionary foundations of puritanical morality.</i>	Busca, através de uma revisão em estudos psicológicos, históricos e etnográficos, entender o “por quê” da existência de uma moral puritana em tantas sociedades, sua evolução cultural e queda dentro de sociedades WEIRD.	É proposto que a moralidade puritana visa a cooperação e é redutível a preocupações de dano ou justiça. Desse modo, o puritanismo se desenvolve de crenças psicológicas populares de que restringir a indulgência em prazeres sem vítimas melhoraria o autocontrole das pessoas, facilitando a ocorrência de comportamentos cooperativos.
Killen, M. (2016). <i>Morality: Cooperation Is Fundamental but It Is Not Enough to Ensure the Fair Treatment of Others</i> [Review of <i>A Natural History of Human Morality</i> , by M. Tomasello].	O artigo busca apresentar uma revisão das ideias centrais contidas no livro publicado por Tomasello (2015) “ <i>A natural history of human morality</i> ”.	Uma das principais ideias defendidas pela autora é a de que a cooperação diz respeito ao engajamento dos indivíduos motivados para alcançar o mesmo objetivo, sendo necessário identificar o objetivo para determinar o status moral da ação discutida. Isso ocorre porque, segundo ela, a cooperação não é um valor absoluto, é um processo pelo qual os indivíduos juntos alcançam um fim desejado. Esse processo pode ser social, mas não necessariamente moral. Além disso, evidencia a importância da coexistência do pensamento independente com o interdependente (de grupo) para o funcionamento regular da moralidade.

Referência	Objetivo	Conclusões
Vallstrom, D. (2023). A Possible Solution to the Fermi Paradox Based on Cooperative Evolutionary Pressure and Diminishing Returns: On What Super-AIs Are Like and Why We Don't See Them.	Busca, através do embasamento na abordagem evolutiva para a moralidade, e na concepção do aumento da segurança material e da riqueza, propor uma possível solução para o paradoxo de Fermi.	Considera a moralidade como um conjunto de soluções para os problemas de cooperação e, portanto, a evolução facilita a cooperação, pois é muitas vezes adaptativa. E, aliado a diminuição decrescente de retornos benéficos de maior acesso a recursos materiais, sugere a possibilidade de que não haverá incentivo para colonizar galáxias inteiras, fornecendo uma explicação para o paradoxo de Fermi.
DeScioli, P. (2023). On the origin of laws by natural selection.'	Busca examinar a estrutura de como as leis são criadas para compreender como os humanos as usam na competição evolutiva.	As leis são mensagens com uma combinação distinta de ideias e são semelhantes às ameaças. Assim, a estrutura das leis corresponde às regras morais, derivando de julgamentos morais. Desse modo, a cooperação, por exemplo, diz respeito às nossas decisões de beneficiar ou prejudicar alguém, enquanto o julgamento moral é sobre julgar a ação de um indivíduo como certa ou errada, isto é, essas faculdades mentais são independentes.

Quadro 2 – Número de referências encontradas e selecionadas em cada base de dados pesquisadas que retratam a relação entre moralidade e cooperação, a partir dos descritores: “*morality AND cooperation AND evolution*” e “*morality AND cooperation*”, no período de 2010 a 2023

Banco de Dados	Referências Encontradas	Referências Selecionadas
Psycnet	2	1
Google Acadêmico	20	8
Scielo	8	0
Estudos encontrados através de referências selecionadas	3	3

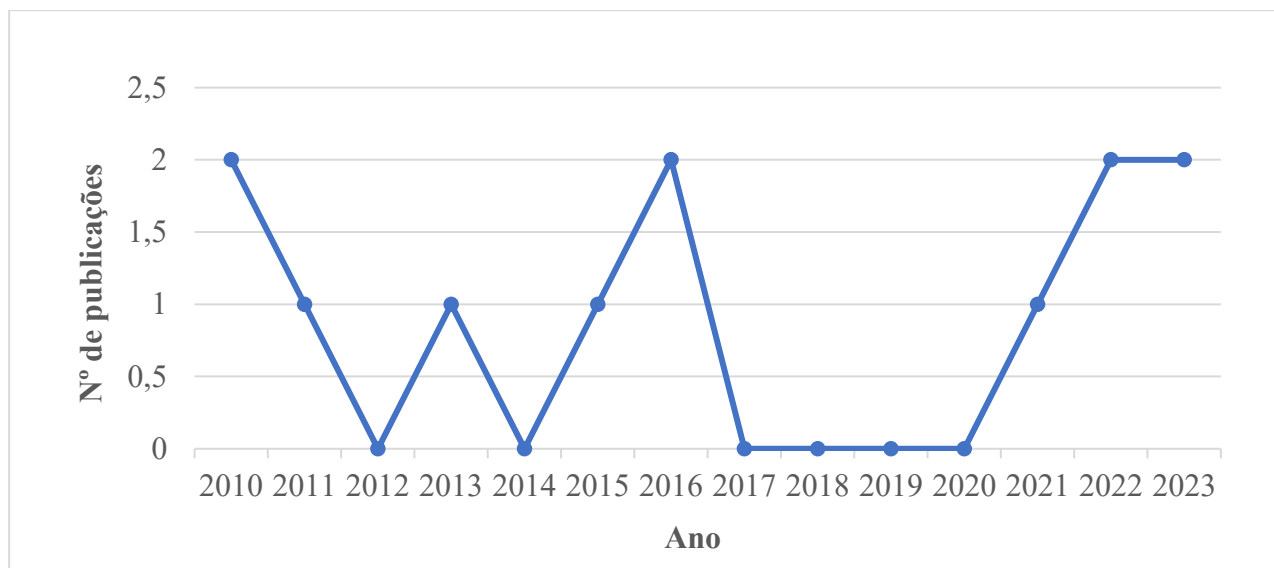


Figura 1 – Quantidade de publicações por ano, das referências selecionadas nas bases de dados Psycinfo, Google Acadêmico, Scielo e através das referências de artigos.

Discussão

A partir da leitura e síntese dos artigos selecionados, constatou-se uma variedade de abordagens e áreas de estudo nas quais os artigos estavam enquadrados, o que proporciona uma revisão consistente, uma vez que a maioria dos artigos convergiram em direção ao objetivo do presente trabalho, o qual é identificar se a moralidade é uma adaptação evolutiva selecionada para lidar com os desafios da cooperação humana. Dentre as áreas, destacam-se a Ética Evolutiva, Psicologia Cognitiva, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Evolucionista e Psicologia Moral.

Com base na síntese realizada, observou-se consenso entre os autores de que a moralidade, ou seja, aquilo que consideramos certo ou errado, está ligada ao comportamento cooperativo humano, sendo que a diferença reside na importância dada por cada autor acerca do quão forte é essa ligação. Dois artigos em específico proporcionaram uma visão mais integrada acerca do tema, Killen (2016), inserida na área da Psicologia do Desenvolvimento, e DeScioli (2021), na área de Psicologia Moral.

Por outro lado, a teoria mais promissora no momento é a elaborada por Curry (2016), chamada “*Morality as Cooperation*” (MAC), pois apresenta de forma sistemática e objetiva como essa relação entre a cooperação e a moralidade se caracteriza, demonstrando que existem sete tipos diferentes de cooperação que correspondem a sete tipos diferentes de valores morais. Dessa forma, o termo moralidade é aquele que usamos para nos referir aos traços cooperativos humanos, cuja finalidade é tentar resolver os problemas ocasionados pela cooperação (Curry et al., 2021; Vallstrom, 2023; Greene, 2015; Tomasello, 2013), até mesmo a chamada moral “puritana” (Fitouchi, André & Baumard, 2022). Apesar das relações cooperativas trazerem benefícios a médio e longo prazo, deixam os indivíduos expostos a exploração a curto prazo, uma vez que um indivíduo pode cooperar enquanto o outro não, colhendo apenas os frutos da cooperação. Estes indivíduos são chamados de “*free riders*” ou trapaceiros.

Nesse sentido, os julgamentos morais aumentam a prossocialidade devido ao fato de os indivíduos verem a si mesmos como mais morais, passando maior confiabilidade para outros, tornando mais provável serem escolhidos para relações cooperativas futuras (Simpson, Harrell & Willer, 2013). Um dos mecanismos que possibilitaram tais relações cooperativas pode ter sido uma autorregulação do comportamento promovida por membros de uma mesma espécie, resultando em agressão reduzida e maior cooperação (Summers, Crespi & Flinn, 2022), tendo em vista que os julgamentos morais e comportamentos surgem de transgressões e obrigações específicas implicadas por determinadas relações sociais (Rai & Fiske, 2011). Desse modo, entende-se que os julgamentos morais foram uma das estratégias usadas nesse processo de autorregulação, a fim sustentar e promover a cooperação ao punir indivíduos que não contribuem para o projeto cooperativo.

A fim de testar o poder preditivo e a consistência da teoria, ou seja, de que determinados comportamentos cooperativos serão vistos como moralmente bons em qualquer

lugar que seja, independente da cultura, Curry, Mullins e Whitehouse (2019) realizaram uma pesquisa com registros etnográficos de 60 sociedades diferentes ao redor do mundo. Foi identificado que os sete comportamentos cooperativos foram considerados moralmente bons, tendo sido observados com frequência equivalente em todas as regiões culturais, o que coloca estes comportamentos cooperativos como candidatos plausíveis para regras morais universais e a própria teoria como potencial unificadora do campo de pesquisa da moralidade. Isso torna-se mais relevante ao constatar que pessoas em todo mundo exibem cooperação impessoal, isto é, com pessoas geneticamente não relacionadas, em uma frequência semelhante em todas as regiões do planeta (Spadaro et al., 2022).

Ademais, é enfatizado que nossos pensamentos e sentimentos morais, ou seja, soluções biológicas e sociais, foram a maneira encontrada pela seleção natural na tentativa de assegurar a estabilidade social através da cooperação humana, o que fomentou intercâmbios recíprocos confiáveis e aumentou as chances de sobrevivência dos indivíduos a longo prazo (James, 2010; Curry et al., 2021; Curry, 2016; Curry, Mullins & Whitehouse, 2019). Um desses sentimentos é a compaixão, a qual caracteriza-se por ser uma emoção distinta que surgiu como um breve estado orientado para reduzir o sofrimento ou necessidades de filhos vulneráveis, uma vez que a prole humana é significativamente dependente de cuidados comparada a outros mamíferos, como uma característica desejável na seleção de parceiros, assim como um estado preditivo de relações cooperativas com indivíduos não aparentados. Assim, essa emoção distinta, experiencial e fisiologicamente, surge nos contextos em que um indivíduo vítima de algum evento negativo é percebido como sendo merecedor de ajuda e o outro indivíduo, o qual irá experienciar a emoção, demonstra ser capaz de lidar com a situação (Goetz, Keltner & Simon-Thomas, 2010).

No entanto, apesar do fato de que as alianças cooperativas sejam evidentemente benéficas, uma vez que ambos os indivíduos têm ganhos nesse tipo de contexto, nota-se que

aliado a isso houve uma forte propensão a não cooperar, pois a curto prazo o indivíduo pode se beneficiar da cooperação do outro, explorando-o. Os indivíduos que engajam nesses comportamentos são chamados “*free riders*”, ou seja, aqueles que tiram benefício da cooperação sem ter contribuído para o projeto cooperativo. Diante disso, alguns mecanismos se desenvolveram para lidar com esse cenário, como classificar estes indivíduos como imorais com o intuito de puni-los, por exemplo, através do ostracismo, chamado de “*The free rider strategy rule*” (A regra de estratégia de caroneiros) (Dalton et al., 2012). Com isso, é mantido em equilíbrio o número de pessoas que adotam essas duas estratégias, cooperar e/ou explorar, haja vista que uma sociedade em que o número de exploradores seja maior tende a diminuir a quantidade de cooperadores incondicionais, o que tende a desestabilizar as relações e o próprio meio social.

Apesar da concordância encontrada entre os estudos acerca da relação entre o comportamento cooperativo e a moralidade, é ressaltado que a cooperação é fundamental para compreender a moralidade, mas não é suficiente para assegurar o tratamento justo de outros. Dessa forma, as interações cooperativas seriam precursoras da moralidade apenas na medida em que os objetivos dessas ações sejam morais, o que não ocorre em muitas formas de cooperação (Killen, 2016). Em suma, de acordo com a autora, existem três formas de cooperação: formas moralmente repugnantes, formas amorais socialmente toleradas e formas moralmente relevantes. Assim, defende-se a ideia de que existem cenários em que seria moralmente necessário a não cooperação, visto que provocaria danos em algum indivíduo. DeScioli (2023) estabelece um raciocínio semelhante ao dizer que a cooperação e a moralidade não são a mesma coisa, sendo que a primeira pertencente às nossas escolhas de beneficiar ou causar dano as pessoas, enquanto a segunda diz respeito ao julgamento das ações dos outros como certas ou erradas. Isto é, a moralidade é sobre ações como cooperação, monogamia e honestidade, mas não é a mesma coisa que essas ações em si.

Dito isso, apesar de nem toda interação cooperativa poder ser classificada como moralmente boa, parece haver uma certa ligação entre comportamentos cooperativos e a identificação destes como sendo moralmente preferíveis em qualquer cultura humana (Curry, Mullins & Whitehouse, 2019). A teoria da moralidade como cooperação, por exemplo, demonstra que não existe apenas um tipo de moralidade, tendo sido categorizadas sete tipos diferentes que servem para contextos distintos em que havia problemas na cooperação em nosso passado ancestral. A moralidade, portanto, trata-se de um sistema combinatório em que determinados elementos morais (Valores familiares; lealdade grupal; reciprocidade, deferência; heroísmo; justiça e direitos de propriedade) se juntam para formar o que chama de moléculas morais, como, por exemplo, fraternidade e orgulho familiar (Curry et al., 2021).

Ademais, destaca-se que houve algumas limitações de pesquisa, como a pouca quantidade e variedade de descritores no momento de busca nas bases de dados digitais, o que resultou em estudos que convergiram em um determinado tipo de resposta para a pergunta de pesquisa realizada e na seleção de uma quantidade pequena de estudos para serem analisados. Diante disso, espera-se que futuras pesquisas na área preencham tais lacunas, além de produzir análises acerca do tema com base em estudos empíricos, fomentando o interesse nesse campo de pesquisa e, por sua vez, propiciando o surgimento de novas teorias da moralidade.

Conclusão

Tendo isso em vista, é possível atestar de maneira significativa que a moralidade pode ser considerada como uma adaptação evolutiva para os problemas cooperativos humanos, uma tentativa da seleção natural de não deixar que as relações recíprocas humanas ocorressem ao acaso, implementando sentimentos, pensamentos morais, instintos, invenções e instituições a fim de assegurar a harmonia social através da cooperação. Assim, cooperar não é algo a ser

desejado, mas algo que é considerado necessário para o bom desenvolvimento de uma sociedade e seus indivíduos. E embora o fenômeno da cooperação seja ancestral, talvez o sucesso de nossa espécie *Homo sapiens* se deva a essa capacidade desenvolvida, a consciência moral, maximizando as relações cooperativas.

Referências:

- Buss, D. M., & Reeve, H. K. (2003). Evolutionary Psychology and Developmental Dynamics: Comment on Lickliter and Honeycutt (2003). *Psychological Bulletin*, 129(6), 848–853. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.6.848>
- Cortês, P. R., Oliveira, A. M. A., & Valentova, J. V. (2022). Psicologia moral evolucionista. In Albuquerque, U. P. (Ed.), *Bases ecológicas e evolutivas do comportamento humano*. (pp. 82–96). Recife, PE: NUPEEA. Recuperado de [Bases Ecológicas e Evolutivas do Comportamento Humano – Canal 6 Editora](#)
- Curry, O. S. (2016). Morality as cooperation: A problem-centred approach. In The evolution of morality. In Shackelford, T., Hansen, R. (Eds), *The Evolution of Morality. Evolutionary Psychology* (pp. 27–51). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-19671-8_2
- Curry, O. S., Chesters, M. J., & Van Lissa, C. J. (2019). Mapping morality with a compass: Testing the theory of ‘morality-as-cooperation’ with a new questionnaire. *Journal of Research in Personality*, 78, 106–124. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.10.008>
- Curry, O. S., Mullins, D. A., & Whitehouse, H. (2019). Is it good to cooperate? Testing the theory of morality-as-cooperation in 60 societies. *Current Anthropology*, 60(1), 47–69. Retrieved from <https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/701478>
- Curry, O.S., Alfano, M., Brandt, M.J. et al. (2021). Moral Molecules: Morality as a Combinatorial System. *Review of Philosophy and Psychology*, 13, 1039–1058. <https://doi.org/10.1007/s13164-021-00540-x>
- Delton, A. W., Cosmides, L., Guemo, M., Robertson, T. E., & Tooby, J. (2012). The psychosemantics of free riding: Dissecting the architecture of a moral concept. *Journal of*

Personality and Social Psychology, 102(6), 1252–1270.
<https://doi.org/10.1037/a0027026>

DeScioli, P. (2023). On the origin of laws by natural selection. *Evolution and Human Behavior*, 44(3), 195–209. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2023.01.004>.

Downes, S. M. (2021). Evolutionary Psychology. In Zalta, E. N. (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Spring Edition. Retrieved from <https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/evolutionary-psychology/>.

Everett, J. A. C., Pizarro, D. A., & Crockett, M. J. (2016). Inference of trustworthiness from intuitive moral judgments. *Journal of Experimental Psychology: General*, 145(6), 772–787. <https://doi.org/10.1037/xge0000165>

Fitouchi, L., André, J., & Baumard, N. (2022). Moral disciplining: The cognitive and evolutionary foundations of puritanical morality. *Behavioral and Brain Sciences*, 1–71. <https://doi.org/10.1017/S0140525X22002047>

Goetz, J. L., Keltner, D., & Simon-Thomas, E. (2010). Compassion: An evolutionary analysis and empirical review. *Psychological Bulletin*, 136(3), 351–374. <https://doi.org/10.1037/a0018807>

Graham, J., Haidt, J., Koleva, S., Motyl, M., Iyer, R., Wojcik, S. P., & Ditto, P. H. (2013). Moral foundations theory: The pragmatic validity of moral pluralism. In *Advances in experimental social psychology* (Vol. 47, pp. 55–130). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-407236-7.00002-4>

Greene, J. D. (2015). The rise of moral cognition. *Cognition*, 135, 39–42. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2014.11.018>

Haidt, J. (2007). The new synthesis in moral psychology. *Science*, 316, 998–1002. <https://doi.org/10.1126/science.1137651>

James, S. M. (2015). *Uma introdução à ética evolutiva*. (1^a. ed.). São Paulo, SP: Ideias & Letras.

- Killen, M. (2016). Morality: Cooperation Is Fundamental but It Is Not Enough to Ensure the Fair Treatment of Others [Review of *A Natural History of Human Morality*, by M. Tomasello]. *Human Development*, 59(5), 324–337. <https://doi.org/10.1159/000454897>
- Lickliter, R., & Honeycutt, H. (2003). Developmental dynamics: Toward a biologically plausible evolutionary psychology. *Psychological Bulletin*, 129, 819–835. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.6.819>
- Paré, G., Trudel, M. C., Jaana, M., & Kitsiou, S. (2015). Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature reviews. *Information & Management*, 52(2), 183–199. <https://doi.org/10.1016/j.im.2014.08.008>
- Rai, T. S., & Fiske, A. P. (2011). Moral psychology is relationship regulation: Moral motives for unity, hierarchy, equality, and proportionality. *Psychological Review*, 118(1), 57–75. <https://doi.org/10.1037/a0021867>
- Roberts, S. C. (2012). Applied evolutionary psychology. In Roberts, S. C. (Ed.). *Applied evolutionary psychology*. Oxford University Press. [Versão digital]. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199586073.001.0001>
- Salmon, C., & Crawford, C. (2008). Evolutionary psychology: The historical context. In: Crawford, C., & Krebs, D. (Eds.), *Foundations of Evolutionary Psychology* (pp. 1–25). <https://doi.org/10.4324/9780203888155>
- Schein, C., & Gray, K. (2018). The theory of dyadic morality: Reinventing moral judgment by redefining harm. *Personality and Social Psychology Review*, 22(1), 32–70. <https://doi.org/10.1177/1088868317698288>
- Simpson, B., Harrell, A., & Willer, R. (2013). Hidden paths from morality to cooperation: Moral judgments promote trust and trustworthiness. *Social Forces*, 91(4), 1529–1548. Retrieved from <https://muse.jhu.edu/article/509346>
- Spadaro, G., Graf, C., Jin, S., Arai, S., Inoue, Y., Lieberman, E., Rinderu, M. I., Yuan, M., Van Lissa, C. J., & Balliet, D. (2022). Cross-cultural variation in cooperation: A meta-

- analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 123(5), 1024–1088. <https://doi.org/10.1037/pspi0000389>
- Summers, K., Crespi, B. J., & Flinn, M. V. (2022). Were humans their own most important selective pressure for cooperation and morality? A critical review of Richard Wrangham's *The goodness paradox* [Review of the book *The goodness paradox*, by R. Wrangham]. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 16(2), 187–199. <https://doi.org/10.1037/ebs0000203>
- Tomasello, M., & Vaish, A. (2013). Origins of human cooperation and morality. *Annual Review of Psychology*, 64(1), 231–255. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143812>
- Tooby, J. (2020). Evolutionary psychology as the crystalizing core of a unified modern social science. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 14(4), 390–403. <https://doi.org/10.1037/ebs0000250>
- Vallstrom, D. (no prelo). A possible solution to the fermi paradox based on cooperative evolutionary pressure and diminishing returns: On what super-AIs are like and why we don't see them. Retrieved from <https://osf.io/bq438/>
- Workman, L., & Reader, W. (2014). *Evolutionary psychology: An introduction* (3^a. ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139164757>
- Wrangham, R. W. (2019). *The goodness paradox*. New York, NY: Pantheon Books.
- Yilmaz, O., Harma, M., & Doğruyol, B. (2021). Validation of Morality as Cooperation Questionnaire in Turkey, and its relation to prosociality, ideology, and resource scarcity. *European Journal of Psychological Assessment*, 37(2), 149–160. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000627>